



O VALOR FORMATIVO DA ARTE DA RETÓRICA PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE FORMADORES

Rosâni Kucarz da Cunha¹/ PUCPR

Resumo: O artigo tem por objetivo ressaltar o valor formativo da arte retórica na formação de formadores, a partir da problemática que envolve a contribuição do valor formativo da aplicação da arte retórica no processo de formação cultural, frente ao avanço da precariedade da linguagem verbal e escrita pela falta do domínio da língua materna. O artigo se constitui na apresentação da arte retórica contemplada em alguns dos temas discutidos pelos expoentes do movimento sofista, Protágoras e Isócrates, como também na crítica socrático-platônica inserida nos diálogos de Platão. Os textos de Protágoras e Isócrates estão mediados pelos comentadores contemporâneos, Werner, Pessanha, Euzebio e Curtius. Inclui-se na reflexão sobre a importância do valor formativo da arte retórica a crítica nietzschiana direcionada aos estabelecimentos de ensino, na Alemanha do século XIX. No horizonte desses referenciais teóricos, a natureza dessa investigação adentra-se no processo metodológico de análise interpretativa dos pressupostos teóricos explorados, cujo resultado da investigação consiste no efeito inspirador da arte retórica no processo de formação, inclusive para os formadores. Outro resultado da investigação é explorar a sofística de forma distanciada da perspectiva que, pejorativamente, aponta a arte da retórica como unicamente a arte da persuasão. Por fim, com apoio da crítica nietzschiana à educação do século XIX, o artigo sugere a arte retórica como inspiração para, a partir dela, ressignificar a importância da língua materna para o enfrentamento dos formadores diante das reformas educacionais que tendem a enfraquecer a formação de uma cultura emancipadora para o século XXI.

Palavras-chave: Retórica. Educação. Formação Humana.

1. Introdução

Diante de tantos desafios referentes à educação na contemporaneidade, além das condições específicas de cada nação, sobretudo os países da América Latina, há que se

¹ Mestre em Educação, filosofia da educação pela PUCPR, doutoranda em Educação, linha de pesquisa em Filosofia da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC. Professora do Dep. de Filosofia da PUCPR.

Revista GepeVida 2018

atentar para um problema geral: o avanço da precariedade da linguagem verbal e escrita. Contudo, há outro ainda maior a ser destacado: a importância do domínio da língua materna para a formação no processo de humanização. Ousamos aqui pensar a superação desse desafio, com o pressuposto da arte retórica como inspiração para uma educação que inclua uma formação à amizade, à amorosidade e à estética, como elementos constituintes na formação de formadores. Nesse sentido, a possibilidade de se retomar a atenção ao estudo da retórica pode ser uma motivação ao ofício do professor que acredita no valor formativo do seu do seu saber-fazer aplicado seja nos espaços com contextos precário ou elitizado, ambos carentes de uma cultura verdadeiramente nobre.

O texto procura trazer a importante reflexão sobre essa possibilidade de contribuição dos estudo da arte retórica, com base em algumas inspirações advindas da *Paideia* grega, por ser ela “a origem da educação no sentido estrito da palavra” (JAEGER, 2013, p. 335). Tomando a *Paideia* como modelo de educação grega que influenciou, em muitos aspectos, os modelos atuais de educação, pode-se perceber a força pedagógica que fez do modelo grego de educação o alicerce de formação humana ocidental. De início, vê-se a relevância pedagógica da Retórica sofística grega, visto que se estendeu ao pensamento e estilo de textos clássicos de autores expoentes dos períodos posteriores da cultura ocidental, apesar do grande prejuízo por estar atrelada ao preconceito aos sofistas, sobretudo, devido às críticas socrático-platônicas quanto ao descompromisso dos sofistas com a verdade absoluta, objeto da concepção grega de *aletheia*. A força da arte retórica não se encontra na busca da verdade, mas em seu efeito pedagógico para o raciocínio reflexivo à formação de valores, como uma arte perene fundamental no processo de educação. Mesmo que processo de raciocínio expresso na fala e escrita sejam fundamentais na internalização de desenvolvimento de valores preciosos, o fato da arte retórica não colocar como primeira intenção a consolidação da verdade absoluta, fez com que ela tomasse uma conotação pejorativa ao associar a persuasão com a ideia de mentiras, falsidades e má-fé e assim passou a ser vista apenas como instrumento para as ideologias políticas, em detrimento ao seu valor formativo enquanto gênero linguístico constituído de enunciados complexos capazes de transformar e formar nosso modo de ser no mundo.

A força presente na arte da retórica é avassaladora e mantém a hegemonia na performance das línguas maternas. É nesse sentido que vemos aqui a importância da sua

valorização no contexto atual, no qual a precariedade e o empobrecimento da escrita e oralidade trazem consequências tanto na criticidade quanto na formação da autonomia no modo de ser dos sujeitos. Suscita-se aqui, que a força da arte retórica possa restituir o valor da linguagem comunicativa no processo de formação e evolução da humanidade. Se o princípio da comunicação for alterado, reduz-se à necessidade de sobrevivência, submetendo o pensamento a uma força atrofiadora, o efeito pode ser o distanciamento ou letargia no processo de humanização. A educação é a instituição que levanta a bandeira desse processo, porém a formação do formador está sendo atingida pelas epidemias da indústria cultural que restringe o valor e o poder da boa comunicação para o pensamento, ao alimentar nossa estrutura cognitiva com imagens hiper-reais, por indução ou até por estratégias produzidas com o saber-poder da neurociência, eficazes no condicionamento instintivo do próprio pensamento. Assim, entende-se que uma forma de preservar a condição humana de se humanizar pelo pensamento que produz e se autoproduz pelo valor da linguagem, pode ser pelo valor formativo da arte retórica.

2. Metodologia

Como proposta metodológica, considera-se que uma das forças propulsoras da educação seja a arte retórica comumente adotada pelos filósofos sofistas, configurada aqui como a imagem fenomênica da educação, mostrada num panorama de recortes históricos. Parte-se do grande movimento sofista descrito na monumental obra de Werner Jaeger, intitulada *Paideia: a formação do homem grego*. Em seguida, intensificamos as tintas do princípio socrático-platônico da amizade, da amorosidade docente, presentes nos diálogos de Platão (*Lísis*, *O Banquete* e *Fedro*) e, sobretudo, a inspiração advinda dos mestres sofistas, especificamente Protágoras e Isócrates, que fizeram do ofício do professor um “fazer-saber”, tonificando, assim, a intenção deste ensaio em mostrar a contribuição da arte retórica para a ação docente, em especial a questão da força da língua materna para a formação de valores e saberes, efetivados pela arte da Retórica, vista também sob a perspectiva da inspiração, tal como é entendida por Werner Jaeger ou seja, “a faculdade retórica situa-se em plano idêntico ao da inspiração das musas aos poetas. Reside antes de qualquer coisa na judiciosa aptidão para proferir palavras decisivas e bem fundamentadas” (JEAGER, 2013, p. 340). Essa inspiração na

arte retórica pode trazer subsídios e estratégias à formação de uma cultura que valorize critérios para podermos nos situarmos e nos engajarmos na comunicação ativa que nos faz pertencer as diversas formas de atividade humana.

Assim sendo, a função metodológica de tais menções e fragmentos contemplados neste estudo vão além da fundamentação teórica argumentativa para a importância do ensino da arte retórica como constructo da formação humanista, e, portanto, formação de formadores, mas com ela se pretende ressaltar os traços fundamentais da retórica sofisticada, sem prejuízo àquilo que seja genuíno da condição humana, bem como suas manifestações emocionais e instintivas por meio da linguagem materna, respeitando o contexto cultural de cada nação, sobretudo na América Latina.

A amostragem dos temas discutidos pelos autores e seus comentaristas contribuem na operação metodológica deste trabalho, como a base propulsora da reflexão sobre a importância do estudo da arte retórica na formação de formadores.

3. Discussão

Iniciemos a discussão amparados na origem da ideia ocidental da cultura, séculos V e IV a.C., quando a ideia de Estado está fundamentada na força do saber para a formação dos homens. Não iremos aqui adentrar nas peculiaridades do movimento sofista naquela sociedade civil e urbana, tampouco no problema das relações das grandes personalidades espirituais com a comunidade, problema inaugurado pela sofística e que percorreu até o fim das Cidades-Estado, e nos arriscamos a dizer que é veemente no decorrer de todo desenvolvimento político pedagógico. Mas nossa atenção vai para o “objetivo da educação sofisticada, a formação do espírito, encerra uma extraordinária multiplicidade de processos e de métodos. No entanto, podemos encarar essa diversidade pelo ponto de vista unitário da formação do espírito” (JAEGER, 2013, p. 342). Desse modo, a inspiração da educação sofisticada, sobretudo da arte retórica pode ser tão fundamental para o processo de formação, como objeto de estudo e, principalmente, como exercício pedagógico. Mas como e por quê?

Há na arte retórica um estilo que contribui muito para o processo educativo, entendido aqui como educação formal pedagógica e formação de valores humanos. Trata-se dos diálogos, cujas argumentações lógicas têm a propriedade de provocar o

Revista GepeVida 2018

raciocínio reflexivo indagador necessário para a criação de um juízo crítico tanto para os autores como os leitores dos diálogos. Temos em mente os diálogos platônicos, por exemplo, *Lísis*, *O Banquete* e *Fedro*, nos quais há um tema muito caro à formação humana, o amor. A amorosidade que envolve a amizade e, em relevo, a docência amorosa. Textos que se desenham como obras de arte pelo rigor lógico e requinte que transmite o valor educativo por intermédio da retórica e da oratória. O tema do amor é apresentado nesses textos por meio de diversas faces. Por trazer um tema enigmático, ou melhor, humano e, portanto, inesgotável, os diálogos são permanentemente objeto de pesquisa. Resultado de uma delas é o texto de José Américo Motta Pessanha, intitulado *Platão: as várias faces do amor*, que se apresenta de forma analítica e didática, com a finalidade de mostrar as várias faces do amor existentes nos diálogos, particularmente em *Fedro*.

Pessanha (1987) é muito enfático quanto à complexidade envolvida na circularidade que constitui o tema nos diálogos, seja como fala, como discurso ou como palavra. O autor aponta para a abertura presente no tema e sugere possibilidades de novas variações trazidas no próprio contexto dos diálogos e, segundo ele, ultrapassa o artifício didático, pois “reflete e desvela a construção dialética de um pensamento aberto e litigante, em permanente combate com adversários e consigo mesmo, no esforço de desfazer ilusões e enganos exteriores e interiores” (PESSANHA, 1987, p. 78). O referido autor abordou o tema indicando a sua descontinuidade entre os discursos, sua desarticulação, lacunas, confrontos entre as teses tecidas durante os diálogos, apresentando impasses que revelam a incompletude do tema.

Pessanha (1987) sugere a força dos diálogos, além do processo ensino-aprendizagem, mas na formação humana, pois provoca indagações, impele a reflexão e a busca autônoma de respostas nobres por serem assistemáticas mesmo com argumentação lógica, advindas da própria vida, aquela que procria. E essa força criadora é representada por *Eros*, o procriador de ideias. Logo, temos esse legado que permite a formação pelo filosofar rigoroso do debate e das ideias. Por exemplo, em *Lísis*, o tema amor se desenvolve a partir do paradigma político, sobretudo ao vincular que os sábios serão amados por serem úteis e bons, pois o amor que se recebe por uma habilidade feita com maestria permite o uso pleno da liberdade. Esse tema é apresentado na forma do método da maiêutica socrática que pode inspirar a relação educando educador, hoje

Revista GepeVida 2018

tão deficiente de amorosidade e vazia de reflexão. É um momento de aprender a ser, tornar-se humanizado. Essa hipótese pode ser de grande contribuição para a educação, ao afirmar que o amor que liberta é baseado na aprendizagem, no saber. Entretanto, Pessanha alerta que, a partir de *Lísis*, o tema fica aberto, inconcluso e prossegue levando-nos a perceber o enfoque do tema no *Banquete*, texto o qual considera “uma obra-prima da literatura e da filosofia de todos os tempos” (PESSANHA, 1987, p. 89).

[...] do ponto de vista literário, mas com implicações filosóficas, o texto do *Banquete* abriga grande variedade de recursos: diálogos, discursos, mitos, citações de poetas, provérbios, múltiplos estilos (as imitações ou pastiches dos diferentes estilos dos discursantes, a revelar diferentes psicologias ou mentalidades: uma das mais extraordinárias realizações do Platão filósofo-dramaturgo). (PESSANHA, 1987, p. 89).

Convém ressaltar o ponto de vista literário do *Banquete*, atendendo à intenção de ver na educação sofisticada uma inspiração para superar a precariedade da língua e cultura geral do sistema educativo atual. Daí o objetivo de mostrar a importância dos textos platônicos como valor educativo hoje. Assim, a exemplo de como o tema amor é trazido, resgatado, ou seja, ele próprio é o fio condutor do raciocínio reflexivo da filosofia de Platão que percorre os diálogos fazendo concluir as muitas faces do amor, tal como Pessanha (1987) nos expõe. Esse aspecto contribuiria, na hipótese aqui trazida, no hábito de análise de perspectiva proporcionada ao educando, com abertura para o educador também ouvir e mediar e não induzir a um raciocínio reflexivo tão almejado hoje e que já foi tão presente entre os mestres gregos. O autor volta a destacar o amor a partir do *Fedro*, vinculando-o a “um cenário propício à retomada de antigas concepções religiosas sobre a alma, a linguagem, o amor” (PESSANHA, 1987, p. 100).

Outra grande fonte de inspiração sofista nos remete a *Protágoras* que, apesar de o texto explicitar a crítica sofista, o foco é a prudência, a formação humana ensinada pelos sofistas, causadora do profícuo diálogo sobre a possibilidade de ensinar a virtude.

É o que a *tékhnē* política dos sofistas ensina, e que é, para Protágoras, a verdadeira educação e o vínculo espiritual que conserva unidas a comunidade e a civilização humana. [...] A posição central que Protágoras atribui à formação do Homem caracteriza o propósito espiritual da sua educação como “humanismo” no sentido mais explícito. Este consiste na ordenação da educação humana por sobre todo o reino da técnica, no sentido moderno da palavra, isto é, da civilização. Essa separação clara e fundamental entre o saber técnico e a cultura propriamente dita converte-se no fundamento do

Revista GepeVida 2018

humanismo. Convém evitar a identificação da *tékhnē* com o sentido moderno do conceito de 'vocação', cuja origem cristã o distingue do conceito de *tékhnē*. Ora, a obra do homem do estado, para a qual Protágoras quer educar o homem, é também o nosso sentido. (JAEGER, 2013, p. 350, grifo do autor).

Esse propósito de Protágoras é o ponto no qual atualmente poderíamos também nos inspirar para levantar resistência contra a educação profissionalizante que insidiosamente se reinstala em nosso país em detrimento de uma cultura nobre e humanista.

A profícua discussão entre Sócrates e Protágoras nesse diálogo platônico reforça a marca do humanismo na sofística. Logo, traz um legado que merece um lugar de destaque, especialmente para a filosofia da educação. Agora iremos nos lançar a Isócrates, o qual, embora colocado à sombra pela filosofia clássica, é o grande destaque da contribuição retórica para a educação. Historiador da pedagogia que manifestou o seu interesse em formar a elite intelectual da Grécia do seu tempo, Isócrates cria os seminários nos quais submete seus escritos ao estudo dos discípulos, prioriza o discurso político, a eloquência e o domínio da palavra e do conteúdo. Sua tese coloca a linguagem/linguística como aquela capaz de alimentar o pensamento. É esse o ponto que chama a atenção para o reducionismo da língua materna. Isócrates é aquele que teve Platão como grande rival, que chamava para si a verdadeira filosofia e criticava a suposta filosofia platônica, e JAEGER descreve magnificamente essa situação, dando o reconhecimento devido a Isócrates, e, justamente, trazendo indicações do que se propõe aqui, a saber: a importância da retórica como valor formativo. Segundo o historiador da *Paideia*,

Isócrates entendia que era a retórica, e não a filosofia em sentido platônico, a forma espiritual que melhor podia plasmar o conteúdo político e ético da época e a mais apta a convertê-lo em patrimônio universal. Com esse novo objetivo por ele proposto, a ação retórica de Isócrates integra-se no grande movimento educativo de Atenas, na época que se seguiu à guerra, e no qual se congregam por aquela altura todos os anseios de renovação. (JAEGER, 2013, p. 1080).

A primazia dada à retórica para essa finalidade política vinha da vontade de Isócrates em ser um político, mas não um orador; ele criticava a filosofia socrático-platônica e os retóricos da velha forma, cuja dialética remetia às práticas persuasivas

como a verdadeira retórica e que fazia parte do *corpus* da obra platônica. Entretanto, Isócrates via na dialética e na retórica a própria filosofia. Isso foi tema de uma esmerada e profícua dissertação intitulada *Isócrates: a filosofia na penumbra*, donde se extrai que:

Uma filosofia que deseja ser a única retórica digna de ser chamada assim, porque convencia recorrendo ao evidente: é isso o que temos em Platão. Mas há quem queira fazer da retórica a verdadeira filosofia: Isócrates. Ele será o ‘filósofo’ amigo da sabedoria que está mais próxima da prática política do que dos sábios antigos. Esse discípulo dos sofistas fará a mediação entre a prática de puro interesse imediato e as exigências de um ideal fundado na preocupação ética. (EUZEBIO, 2002, p. 30).

A concepção isocrática da filosofia, embora não seja o nosso enfoque nesse momento, merece ser um ponto abordado tendo em vista Isócrates e Platão, porque tanto a dialética platônica como a retórica isocrática pretendiam ser a base da verdadeira *paideia*. Mas aqui convém afirmar o valor da arte retórica como valor formativo, diferente daquela tão afetada pelas críticas de Platão a Protágoras e também em relação às especulações de Sócrates em busca do conceito da concepção *alétheia*. A sua *paideia* representa algo novo inclusive da retórica tradicional, foge da concepção de ideias e se aproxima de forma engenhosa à poesia, pois o valor educativo da retórica é determinado pela premissa a qual afirma que “a arte retórica é uma criação poética. Não pode prescindir da técnica, tampouco se pode deixar se absorver por ela, [...] a poesia grega tardia é filha da arte retórica” (JAEGER, 2013, p. 1096). Esse fato pode tranquilamente tornar-se objeto de pesquisa por respaldar inúmeras possibilidades de pensar o valor educativo da arte da retórica, inclusive para a questão colocada no início deste texto, a respeito da precariedade da língua materna. Portanto, em Isócrates localizamos as fontes necessárias para o empreendimento suscitado, visto que nesse momento nos cabe trazer a importância de Isócrates, um grande expoente como educador grego tal como aspirava a si mesmo, aspiração realizada e confirmada pelo filólogo alemão Werner Jaeger.

Não exploramos aqui muitas das marcas do movimento sofista que se transformaram em herança no sentido mais valoroso para a cultura ocidental. A arte retórica vinculada ao movimento sofista trouxe a inauguração e a abertura para as questões epistemológicas, pois o se abrir o tema da verdade, questiona-se a atmosfera da aparência e do real. Também pode ser vista como a porta-voz da discussão para a antropologia filosófica, tanto no sentido de otimismo quanto ao progresso de suas

Revista GepeVida 2018

possibilidades de emancipação, mas também faz emergir as fissuras da aristocracia. Além, de que, por meio de sua dedicação às críticas literárias, a arte retórica procura entender a estrutura da poesia e a indústria racional que muitas vezes existe por trás da arte. É como se inaugurassem uma “modernidade” contemporânea na antiguidade, os retóricos estranham a possibilidade de alcance aos deuses e seus castigos. Assim, pode se dizer, talvez, que o movimento sofista pode ser visto como uma experiência piloto da democracia.

Se não estamos mais na condição de docência grega, podemos fazer dessa herança não uma reprodução, mas podemos beber dessa fonte de inspiração que dará abertura para uma cultura autêntica resultante de uma educação voltada para a formação do espírito, hoje tão prejudicada pela indústria cultural, entendida como subproduto da cultura que tornou hegemônica a força da mercadoria e do capital na formação dos valores, tendo atingido a educação que se voltou muito mais para o profissionalismo pragmático do que para a formação do espírito.

A importância do estudo da Retórica segue como elemento de formação no decorrer dos séculos subsequentes. No século XIX, sobretudo na Alemanha, “estudante do *Gymnasium* tinha que se ocupar novamente com a retórica para explicação dos poetas latinos (e também de Schiller): aqui se exigia dele que reconhecesse metáforas, metonímias, hipérbole e muitas coisas semelhantes (CURTIUS, 1996, p. 99). Contudo, Curtius dá continuidade a essa afirmação, salientando que havia uma crítica ingênua do uso da retórica que perpassava Kant e que foi referida por Goethe em seu romance Fausto. No entanto, o expoente do romantismo se declarou consciente da necessidade da retórica para a humanidade. Goethe (apud CURTIUS, 1996, p. 100) quando afirma: “tudo que é poético e retórico é agradável e alegre” e declara que a retórica “com todos os seus requisitos histórico e dialético muito estimável e imprescindível”, incluindo-a “entre as coisas mais necessárias para a humanidade”. Tal afirmação de Goethe, trazida neste estudo, remeteu-nos imediatamente à crítica de Nietzsche (1844-1900) feita aos estabelecimentos de ensino da Alemanha do final do século XIX, principalmente em relação à expansão e superficialidade da cultura. Nietzsche (2012) realizou cinco conferências, nas quais destacou a importância da língua materna para a formação humana e uma cultura nobre.

Revista GepeVida 2018

Eis aqui minha tese: Duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originariamente fundados em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de *estender quanto possível a cultura*, por outro lado, a tendência de *reduzi-la e enfraquecê-la*. De acordo com a primeira tendência, a cultura deve ser levada a círculos cada vez mais amplos; de acordo com a segunda, se exige da cultura que ela abandone suas mais elevadas pretensões de soberania e se submeta como uma serva de outra forma de vida, especialmente aquela do Estado. Ao examinar estas duas tendências fatais à extensão e à redução, nos desesperaríamos totalmente, se não fosse em determinado momento possível ajudar a vencer estas duas tendências opostas, quer dizer, a tendência ao *estreitamento* e à *concentração* da cultura, como réplica à extensão, e a tendência ao *fortalecimento* e à *soberania* da cultura, como réplica à redução. (NIETZSCHE, 2012, p. 53, grifo do autor).

A crítica do autor às duas correntes complementares que atingem a educação e a cultura na Alemanha no final do século XIX faz com que Nietzsche elenque três elementos essenciais de serem reestabelecidos ainda no ginásio. Trata-se do estudo da língua materna, da filosofia e do instinto artístico que, para Nietzsche deveriam ser desenvolvidos mediante a obediência, a disciplina com a instrução e com o sentido do dever. O destaque nessas palavras tem por objetivo mostrar que não se trata de um conservadorismo tradicional. Para o autor, a obediência em relação aos grandes mestres da antiguidade, da filosofia, ao uso correto da língua materna – algo que se faz com disciplina – enseja o rigor necessário para que um estudante possa conhecer os passos seguidos na produção do legado do pensamento e das artes, com o sentimento ainda de dever para com os mestres. Este seria o preparo para a autonomia do estudante. Sobre a língua materna, Nietzsche salienta a importância do modelo clássico, aquele dos gregos e romanos:

Pois é somente sobre o fundo de uma aprendizagem, de um bom uso da língua, estrito, artístico, cuidadoso, que se afirma o verdadeiro sentimento da grandeza dos nossos clássicos, que até agora não se aprendeu a estimar no ginásio, senão graças ao amadorismo estetizante e suspeitos de alguns mestres isolados, ou pelo efeito de um único conteúdo de algumas tragédias e de alguns romances: mas é preciso [...] perceber com que leveza e beleza (nossos grandes poetas) marcharam e com que inaptidão e grandiloquência os outros os seguiram. [...] O Ginásio de hoje como um falso estabelecimento de ensino [...] forma não para a cultura, mas unicamente para a erudição e, em seguida, que nos últimos tempos [...] unicamente para o jornalismo. [...] é dispensado o ensino do alemão (NIETZSCHE, 2012, p. 89).

Temos aí outra inspiração para pensarmos a importância da retórica percebida

entre os alemães ainda no século XIX e tão pertinente para século XXI.

4. Considerações finais

Muitas outras inspirações existem para compor esse panorama que se abre para acolher o valor educativo da arte retórica na formação do formador contemporâneo. Esse recorte é apenas uma amostra para pensarmos que a formação integral seja do formador, seja do seu formando, está na possibilidade de ultrapassarmos o ensino instrumental, que funciona como engrenagem para uma ideologia pragmática vivida a partir do século XXI e que atualmente se radicaliza no detrimento da cultura autêntica e na ascensão da cultura tecnológica que transforma o processo de ensino e aprendizagem em produto comercial. Resgatar, portanto, o estudo da Retórica na formação do formador, pode ser uma estratégia contra a corrente que impede a formação de valores em nossa cultura.

Outro aspecto em que o artigo reflete luz com o recorte analisado é o preconceito dado à retórica como arte de persuadir, mesmo que, sobretudo na política, a arte retórica tenha seus efeitos nefastos, pois como disse um dos mais ilustres intelectuais brasileiros, Carlos Heitor Cony, ao escrever à folha de São Paulo, apenas cinco meses antes de sua partida²,

O mal da América Latina é a retórica. A política está fervendo. Cada um escolhe o seu vilão preferencial e quase todos preferem e brigam por seus varões de Plutarco. As escolhas são livres e mais ou menos previsíveis. Na Venezuela, o ditador Chávez juntava uma multidão para ouvir seus ataques ao imperialismo americano. Não ficava nisso. No início de seus discursos, fazia um 'pelo sinal da santa cruz, livrai-nos Deus dos nossos inimigos, assim na terra como no céu, e dai-nos o pão de cada dia'. O povo benzia-se e votava nele apesar da truculência de seu governo. Durante a ditadura dos militares brasileiros, tive de me autoexilar em Cuba, onde eu ouvi centenas de discursos de Fidel Castro. Na ocasião, escrevi uma crônica no 'Correio da Manhã' dizendo que o mal da América Latina não era o subdesenvolvimento nem o imperialismo norte-americano, mas a retórica. (CONY, Folha de São Paulo, 06 de agosto de 2017).

² Carlos Heitor Cony faleceu em 05 de janeiro de 2018. Membro da ABL. Começou sua carreira no jornalismo em 1952 no 'Jornal do Brasil'; autor de 17 romances e diversas adaptações de clássicos. Escreveu pra a folha de São Paulo até dezembro 2017.

Revista GepeVida 2018

Assim, o estudo da retórica na formação de formadores, auxilia no reconhecimento do efeito emancipador e também manipulador do uso da Arte da Retórica.

5. Referências

CONY, C. H. **Mal da América Latina é a retórica**. In: Folha de São Paulo. 2017. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/mal-da-america-latina-e-retorica>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CURTIUS, E. R. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Trad. Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp, 1996.

EUZEBIO, M. S. **Isócrates: a filosofia na penumbra**. São Paulo: Biblioteca Feusp, 2000.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação: Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 6 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

PESSANHA, J. A. M. Platão as várias faces do amor. In: NOVAES, A. (Org.). **O sentido da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, Funarte, 1987.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2 ed. Belém: Edufpa, 2002.

WERNER, J. **Paideia: a formação do homem grego**. Trad. Arthur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Editora WMF, 2013.

*Recebido em dezembro de 2018.
Aceito em dezembro de 2018.*